

Release

Beleza e notícia dividem a bancada nos principais telejornais brasileiros

Eliane Campelo - DRT n.264/TO

No artigo **“Padrões estéticos e atuação profissional de mulheres telejornalistas: uma pesquisa exploratória”**, publicado recentemente na Revista Observatório v.3, n.6 os pesquisadores Luis Mauro Sá Martino e Julya Vendite Zancoper questionam em que medida a presença de apresentadoras nas bancadas de telejornais pode ser considerada uma transformação no sentido de uma maior valorização da mulher ou de igualdade de oportunidades ou, se trata-se de um reforço de estereótipos e representações sociais previamente estabelecidos como uma forma de violência simbólica. O texto aponta que o padrão se confirma sendo constatado que a maior parte das apresentadoras são brancas, de cabelo castanho, dentro de um tipo físico considerado “magro”, com pouco espaço para jornalistas fora desse modelo.

No texto foi observado também o posicionamento das mulheres apresentadoras em comparação ao colega de bancada e, o tipo de pauta apresentado por cada um e, ainda, até que ponto a abertura para apresentadores e apresentadoras negros e negras é sinal de avanços “no sentido da conquista de direitos sociais, a começar por maior diversidade e representatividade no telejornalismo e na própria sociedade brasileira.

Nas bancadas dos telejornais ocorre um movimento contrário ao que se dá em todos os campos profissionais, onde à princípio, o que se espera do

indivíduo é que seja dotado de competências específicas, “geralmente associadas ao domínio de algum tipo de técnica própria para a execução de uma tarefa” no entanto, diz a pesquisa, “a observação das relações de trabalho a partir de determinados recortes, como, neste caso, é o foco na atuação das telejornalistas, permite entrever a existência de uma contradição, ou pelo de uma inserção exógena ao modelo acima descrito – a demanda por um padrão estético responsável por secundar a competência profissional e que, em alguns momentos, tende a ganhar o primeiro plano”.

A aparência das telejornalistas, diz o texto, é lida a partir do questionamento a respeito de seu emprego como recurso para valorização de um determinado padrão estético. “O silenciamento a respeito dessa questão parece estar sedimentada no senso comum, a respeito das ligações “naturais” entre o feminino e a beleza dentro de qualquer campo profissional” dizem os autores acrescentando que, justamente num “programa informativo no qual a aparência não é, ou não deveria ser, um critério de escolha”.

Nestes casos analisados na pesquisa de Luis Mauro Sá Martino e Julya Vendite Zancoper embora a beleza não esteja entre os pré-requisitos da prática jornalística, ela parece ser um elemento importante na escolha de apresentadora de telejornais e segue os padrões estéticos hegemônicos, reforçando-os no imaginários dos telespectadores. “Essa é uma forma do que Bourdieu (1998) denomina como ‘violência simbólica’, na medida em que sua efetivação demanda, em certa medida, a concordância despercebida daquele que sofre esse tipo de violência. Isso ocorre devido ao ocultamento mais ou menos deliberado de práticas e discursos que tendem a apresentar a dominação simbólica não só como “natural”, mas, mais ainda, como provedora de determinados benefícios para quem é atingido, invertendo o sentido da prática”.

Na pesquisa os autores analisam, também, notícias veiculadas em portais de internet como o UOL e o Portal Terra sobre as âncoras do Jornal Nacional. “Mulheres derrubam última barreira na bancada do Jornal Nacional” diz o Portal Terra quando o Jornal Nacional foi apresentado por Ana Paula Araújo e Giuliana Morrone no dia 7 de novembro de 2015. Anteriormente, no dia 17 de fevereiro de 2015, uma notícia publicada na página *Notícias da TV*, do portal Uol, anunciava: “Globo bane gordinhas e ‘cheinhas’ das bancadas do jornalismo”. a notícia revela que a emissora “discreta e silenciosamente (...) se livrou de todas as apresentadoras de telejornais acima do peso nos últimos anos”.

Os autores aclaram ainda que as mudanças não pararam por aí. “Esse padrão também acaba por afastar da bancada jornalistas que não seguem tais especificações de cor de pele, tipo de cabelo, manequim e idade, independentemente da qualidade do trabalho da jornalista, que deveria ser o critério em jogo”. Se a pergunta é sobre o quão importante é a aparência na prática jornalística, dizem os autores da pesquisa, a resposta, no caso de mulheres telejornalistas, parece ser “muito”.

Como citar a pesquisa

MARTINO, Luis Mauro Sá; ZANCOPER, Julya Vendite. PADRÕES ESTÉTICOS E ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE MULHERES TELEJORNALISTAS: uma pesquisa exploratória. **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 6, p. 658-679, out. 2017. ISSN 2447-4266. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3318>>. Acesso em: (data do acesso). doi: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n6p658>.